

## Rafael músico

### Rafael the musician

*Rodrigo Bastos<sup>1</sup>*

Conheci o professor Rafael Moreira no momento mais oportuno em que tal encontro pudesse se dar — em uma conferência. O ano era 2003, na cidade do Rio de Janeiro, onde acontecia o VI Colóquio Luso-brasileiro de História da Arte, liderado por Sônia Gomes Pereira. Eu tinha acabado de finalizar o mestrado pela UFMG, apresentando ali minha dissertação sobre a formação de novas povoações em Minas Gerais no século XVIII. Estava ansioso para conhecer pesquisadores portugueses de que eu tinha notícia apenas por leitura, principalmente Rafael. Na ocasião, ele apresentou um trabalho sobre o Rio de Janeiro, interpretando sua arquitetura em diálogo com a chamada “tradição clássica”. Minha homenagem a ele, aqui, poderia abordar inúmeros elementos de sua contribuição como professor, historiador e pensador, mas decidi tocar sobretudo nesse aspecto — sua singular habilidade em conferências —, especialmente porque elas não vão mais acontecer com sua triste e precoce despedida.

Anos depois, reencontrei Rafael noutro evento, em Niterói, no que sua conferência foi surpreendente. Ele apresentava, então, um de seus textos mais instigantes — aquele em que argumenta que o arquiteto Miguel de Arruda teria sido o inventor da traça da cidade de Salvador. Um texto importantíssimo, publicado nos Cadernos do LAP, da FAUUSP; um estudo referencial, paradigmático, conciso e vasto ao mesmo tempo, pela relevância dos documentos informados, pela engenhosa articulação de fatos, tempos e personagens, pela

---

<sup>1</sup> Professor e Livre-docente pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

perspicácia da argumentação, pela elegância que ele conseguia imprimir em sua redação. No texto, além de tecer uma intrigante relação com a fundação de Brasília, semelhantemente inventada quatro séculos depois, Rafael desenvolvia e apresentava elementos novos à história da cidade cuja construção foi liderada pelo mestre Luís Dias, conforme a traça de Arruda que ele trouxera de Portugal junto ao Regimento de Tomé de Souza; que rezava, ordenou o Rei Dom João III, em 1549, que se escolhesse um sítio “conveniente” para se implantar a primeira capital.

Rafael foi eloquente orador. Era muito discreto no trato pessoal, falava baixo e pode-se dizer que pouco, mas a sua personalidade intelectual se expandia em ocasiões de parlatório, especialmente o acadêmico. Não que o corpo se fizesse expressivo, ou que a gestualidade se mostrasse imperativa ou abundante no discurso. Nessas ocasiões, Rafael jamais corria o risco do exagero, comedindo as falas e as intervenções. Era discreto, no sentido amplo da palavra, ou seja: naquele que continuava a falar moderadamente ou baixo, sem contar com a persuasão da *actio*, mas também naquele que, por grande erudição e muito estudo, sabia discernir qualquer matéria de interesse. E eram várias as que ele possuía: artes e ciências, história geral, arquitetura, engenharia militar, matemática, geometria, geografia, navegação.

O desempenho retórico se condensava efetivamente nas palavras, especialmente na lógica argumentativa que construía com densidade e precisão. E o fazia na ação prévia de mobilizar o seu imenso saber e sua experiência andarilha nas duas circunstâncias finais em que pode se dar a recepção de um texto: na leitura solitária de um gabinete ou na performance vívida de um auditório. Assim, os textos de Rafael geralmente jogavam, como nesse sobre Salvador, com um sentido de ocultamento, desvelamento e surpresa que tornavam ainda mais prazerosa a investigação científica e sua demonstração, especialmente para aqueles que aproveitaram o privilégio de lhe ouvir.

Tivemos oportunidade de um convívio maior e mais frequente em 2008. Rafael me recebeu na Universidade Nova de Lisboa para um doutorado sanduíche. Eu era orientado na FAUUSP pelo também saudoso Mário Henrique Simão D’Agostino (o Maique), que nos deixou também precocemente em 2021. Antes de viajar, as tratativas com Rafael aconteceram todas por cartas e telefonemas. Logo depois, passamos a nos corresponder também por emails, que aconteciam por variados interesses, de arte e arquitetura, passando pela política brasileira até a geopolítica internacional; eventualmente, alguma efeméride prosaica ou divertida, para a qual o professor Rafael destilava um sentido de humor incisivo e singular.

Assim que cheguei em Lisboa, em março de 2008, tivemos um encontro, seguido de alguns telefonemas em que me sugeria arquivos, livros e tratados; visita a obras, entrevistas com colegas e pesquisadores portugueses e espanhóis. De repente, ele parou de me atender e de retornar. Alguns dias depois, preocupado, fui ao Departamento, saber notícias. Ele havia tido um infarto, no que decidi, imediatamente, visitá-lo no hospital.

Encontramo-nos depois disso muitas outras vezes, quase que anualmente. Dentro de um evento em que convidei também outros colegas do Brasil, da França e da Itália, levei-o para falar em Florianópolis, outubro de 2018, quando proferiu uma palestra muito interessante e oportuna sobre a arquitetura da Ilha dos Açores — de onde partiram tantas famílias de colonizadores que povoaram o litoral catarinense, meados do século XVIII. Rafael escolheu decorosamente o tema, justamente ao pensar no contexto do lugar e na temática que mais poderia interessar à plateia. Rafael abriu o evento provocando grande interesse nos alunos e também nos colegas, atmosfera que permaneceu na discussão. No dia seguinte, visitamos a maior fortificação do complexo militar de defesa da Ilha de Santa Catarina, ideado pelo Brigadeiro José da Silva Paes: a Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim. As fotos que selecionei contemplam esses dois momentos, da palestra e da visita, quando tivemos também a companhia de Roberto Tonera,

responsável pela coordenadoria das fortificações da ilha em nome da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nossos dois últimos encontros se deram em 2023 e 2024. Em janeiro de 23, quando estava de passagem para um período de pesquisas em Paris, almoçamos em Lisboa. Fiz uma escala de cinco dias na cidade e uma das razões dessa estadia em Portugal era especialmente revê-lo, além de outros amigos. Foi quando pude finalmente visitar uma edificação que ele havia elogiado tanto, em 2008, e que eu deveria conhecer: o sublime Convento da Arrábida, nas costas escarpadas do Atlântico, região de Azeitão.

Em junho de 2024, encontramos-nos pela última vez no Brasil, na Sala Verde da Vila Penteado, FAU Maranhão, Universidade de São Paulo — justamente onde, um ano depois, e muito coincidentemente, entre aulas e orientações, terminei de redigir esta homenagem. Na ocasião, ele falou sobre a Mazagão africana a convite de Beatriz Bueno, uma bela aula que abriu seu curso para a pós-graduação. Rafael conhecia pessoalmente, e bem, todo o universo uma vez ocupado pelos lusitanos, da América aos confins da Ásia. E conhecia muito bem, também, o *corpus* teórico e conceitual que informou tantos construtores, por tantos séculos, desde a antiguidade. Desse modo, foi um dos pesquisadores luso-brasileiros que mais contribuiu para o conhecimento dos tratados de arquitetura portugueses, tema que tratou em livros e artigos.

Esse grande conhecimento permitiu a Rafael trazer, em 2018, uma informação que eu até então não conhecia. Isso se deu noutra conferência, no Auditório Ariosto Mila, do Edifício Vilanova Artigas, dentro do ciclo de eventos sobre Leon Battista Alberti capitaneados por Mário D’Agostino e Francesco Furlan (CNRS) pelo Grupo de pesquisa Artes Renascentes. A verdade é que a informação foi novidade para todos ali presentes, porque me lembro das reações. Rafael sempre trazia elementos inéditos e curiosos, instigando o auditório. Durante o debate, discutia-se o termo “música”, aplicado à arquitetura, e seu comentário permitiu compreender que, no século XVI, a palavra poderia designar

mais do que exclusivamente a arte da composição de peças musicais: concertos, oratórios, missas. Além do sentido substantivo, o termo era usado também adjetivamente, ou seja, era aplicado para qualificar quem fosse inteligente e discreto, sábio e engenhoso no uso das palavras, na construção melódica de frases, versos e sentenças, em conveniência a sentidos, circunstâncias e finalidades. Desta feita, e sem saber que lhe serviria pessoalmente alguns anos depois, Rafael nos ensinou que, além de historiador e professor brilhante e competente, também foi músico, no sentido amplo e predicativo da palavra.

### Figuras







